

Índice

Reflexos Primitivos	9
Onde Estão os Amigos da Verdade?	21
Das Epidemias Políticas	45
Reflexões de Um Apolítico Que Deixou de o Ser	59
O Longo Caminho da Sociedade Mundial	69

Reflexos Primitivos

(Publicado em *Die Zeit* em 3 de março de 2016)

Há muito que se verifica nas ciências sociais e políticas um certo pesar por não se poderem realizar experiências controladas com as sociedades, culturas e Estados na sua totalidade. Ficamos sempre obrigados à observação de acontecimentos originais devido a decisões criadoras de realidade, sem poder estudar uma segunda realidade na qual decisões alternativas conduzissem a outras ocorrências.

Os historiadores judiciosos estão a par da necessidade da história conjectural. Por vezes, satisfazem-na respondendo à pergunta «O que teria acontecido, se...?» com especulações racionais sobre outras sequências de eventos. No que diz respeito à plasticidade do acaso na história, os romancistas dotados para a ironia dispõem de maior liberdade, eles que retiram crédito ao ser-assim-e-não-de-outro-modo das coisas que se tornaram reais e que elaboram histórias completamente diferentes a partir das pedras basilares do factual — como fizeram Dieter Kühn no seu romance estimulante *N* e Simon Leys na novela brilhante *La Mort de Napoléon* [A morte de Napoleão], que tão bem souberam revelar em que medida excepcional o próprio real é pleno de variantes.

No entanto, em geral, nos historiadores, politólogos e sociólogos predomina a tendência de cederem à facticidade. Foi o que se pôde observar recentemente por ocasião das publicações do centenário da «eclosão» da Primeira Guerra Mundial, quando dezenas dos que iam descrever o que se passara se prosternaram perante os factos consumados. Só a poucos ocorreu referir que, afinal, se tinha tratado de uma guerra perfeitamente supérflua, no desencadear da qual o acaso, a negligência e a cegueira — também designada por sonambulismo político — se haviam associado. A maioria inclinava-se com resignação perante a supremacia do factual, como se quisesse dar razão a Shakespeare quando escreveu em *Macbeth* que a vida era uma história contada por um idiota, cheia de som e fúria, *signifying nothing*. Na base das mesmas disposições, as prateleiras das bibliotecas vergaram-se sob o peso de centenas de biografias de Hitler viciadas em factos, ao mesmo tempo que continua a não existir um romance que mostre como Adolf H., depois de ter sido dispensado do Exército, abriu com um amigo pintor judeu uma loja florescente de postais em Salzburgo, até, finalmente, em 1932, num passeio estival pelos Alpes, um desmoronamento de pedras ter posto um termo prematuro à sua vida. Um tal romance conjectural revelaria um século xx diferente.

Uma vez que, para a ciência das coisas sociais, não está aberto o caminho rumo a uma experimentação precisa e controlada com os Estados e as sociedades, os interessados têm de procurar outras abordagens para tornar visível o jogo aberto do que pode vir a acontecer no caminho da coagulação do factual. Na realidade, encontram uma abordagem deste género, que substitui parcialmente a experiência, quando uma sociedade e o seu Estado são abalados por crises intensas.

É compreensível que os politólogos e os sociólogos se animem mal se desenham crises de grande dimensão. Isto não acontece apenas por, em épocas dessas, se sentirem menos inúteis do que o habitual, mas sobretudo porque, em crises generalizadas, a fábrica do social, o complicado sistema de prote-

ções e apoios que mantêm a coesão do imenso todo, se manifesta de forma muito mais nítida do que em «tempos normais». Isto concede aos especialistas em assuntos políticos maior competência de interpretação. *Man's calamity is God's opportunity*, o que deve significar que, em períodos de adversidade, as pessoas se tornam mais sensíveis à transcendência. Numa analogia livre com esta reflexão, poder-se-ia observar que os estados de necessidade das sociedades são golpes de sorte para os teóricos sociais. Quando a boa vontade dá origem à teoria, reconhecemo-la no amoralismo metódico que exige que se ponha entre parênteses interesses vitais e parcialidades locais durante o tempo que dura a investigação. Afirmou-se que uma teoria que serve para qualquer coisa só prospera em espaços frescos e secos. «O bom espírito é seco», disse em tempos Paul Valéry. No mesmo sentido, Nietzsche afirmara anteriormente que quem queira pensar tem de poder passar frio.

Também os observadores mais adversos à situação alemã dos nossos dias estão de acordo quanto a uma percepção: verifica-se um forte aumento da temperatura no clima dos debates nacionais. Enquanto o nosso vizinho da margem esquerda do Reno já há bastante tempo que se converteu no nosso amigo hereditário, entregando-se há anos, a tiritar em silêncio, à sua desilusão consigo mesmo e lutando contra as depressões unipolares, tanto económicas como psicossociais, o clima no solo alemão deslocou-se de forma inequívoca na direção do maníaco. Ultrapassámos largamente o limite de dois graus do aquecimento tolerável. No microclima alemão constata-se uma nova excitação, como não se conhecia desde o tempo da luta contra a Fração Exército Vermelho, no final da década de 1970 — de resto, uma lição psicopolítica até hoje incompreendida. Já nessa época se tinha tornado evidente o que, mais tarde, se iria transformar numa cruel normalidade na maneira de lidar com os ataques terroristas recorrentes: uma população de sessenta ou oitenta milhões de habitantes, graças à mediação excessiva de ataques acutilantes, deixou-se dominar por

um estado de pânico, devido a uns quantos criminosos que se comportavam como combatentes. Ainda se continua à espera de compreender que o grupo Baader-Meinhof significou uma derrota do jornalismo, condicionada pelo sistema, mais precisamente uma derrota de todo o sistema dos média. Na realidade, o reflexo mediático dos atentados funcionou como o mais intenso serviço de propaganda do terror. De resto, bastaria reler o decreto de 1918 sobre o terror vermelho, de Lenine, para compreender que o terror não passa de uma versão do jornalismo. Infelizmente, é em vão que até hoje se procura este documento nas bibliografias fornecidas aos estudantes de jornalismo. Só quem leia McLuhan e Lenine em paralelo poderá compreender por que motivo os média querem ser a mensagem.

Poder-se-ia considerar uma ironia da história das ideias se se reconhecesse mais do que uma razão para hoje em dia nos voltarmos a ocupar dos pioneiros da «psicologia materialista» nos primórdios da União Soviética, nomeadamente Pavlov e Bechtereov. Esqueçamos por um momento o que a maioria de qualquer modo desconhecia: que Pavlov foi um dos maiores torturadores de animais da história da humanidade. Detenhamo-nos no que é conhecido: foi o descobridor de um dos «mecanismos» psicofísicos mais poderosos que alguma vez foram experimentalmente revelados. O cão de Pavlov, a par de *Laika*, a cadela espacial, e das latas de *Coca-Cola* de Andy Warhol, tornou-se um ícone mundial do século xx, pois divulgou a representação da relação causal entre o mundo dos signos e a fisiologia. O cão de Pavlov é um animal tão trágico e tão ludibriado como o mendigo de Charlie Chaplin era o arquétipo do pobre diabo cómico. O facto de começar a salivar ao simples sinal que a princípio acompanhava a comida, e também, mais tarde, já na ausência de comida, encerra uma referência abismal à capacidade de adestramento dependente de símbolos dos seres vivos capazes de aprender. O físico é enganado pela esfera dos signos.